

Galeria ReOcupa - Um breve histórico

ReOcupa gallery- A brief history

DÉBORA BOLZONI

Comissão Executiva Atual da Galeria ReOcupa¹

RESUMO

Neste texto são apresentadas as principais etapas de constituição da *Galeria ReOcupa - projeto artístico de gestão compartilhada da Galeria ReOcupa* na Ocupação 9 de Julho com o MSTC (Movimento Sem Teto do Centro /SP). É traçado um retrato da organicidade do trabalho colaborativo entre o MSTC, sob a liderança de Carmen Silva, e os artistas da rede Aparentamento em curso desde 2016.

PALAVRAS-CHAVE: MSTC - SP (movimento Sem Teto do Centro de São Paulo); Ocupação 9 de julho; Aparentamento; Galeria ReOcupa; Arte e Política.

ABSTRACT

This text presents the main stages of the constitution of *Galeria ReOcupa - an artistic project of shared management of Galeria ReOcupa in Ocupação 9 de Julho* with the MSTC (Movimento Sem Teto do Centro /SP). A portrait is drawn of the organicity of the collaborative work between the MSTC, under the leadership of Carmen Silva, and the artists of the Aparentamento network ongoing since 2016.

KEY-WORDS

MSTC - SP (São Paulo Center Roofless Movement); 9 de Julho Occupation; Aparentamento; ReOcupa Gallery; Art and Politics.

¹ Em nome da Comissão Executiva Atual da Galeria ReOcupa: Andre Komatsu, Ding Musa, Débora Bolsoni, Georgea Miessa, Lucas Bambozzi, Lourival Cuquinha, Marcelo Calheiros, Marcelo Zocchio e Preta Ferreira. Conselheira: Carmen Silva.



Figura 1. - Galeria ReOcupa em dia de ativação da mostra “O que não é floresta é prisão política”,2019. Fonte: Galeria ReOcupa.

No mainstream das artes visuais há uma carência das práticas que envolvem o fazer coletivo. Concorrem para isso fatores tanto intrínsecos ao fazer do artista quanto alheios ao universo da arte. Nós da comissão Executiva Atual da Galeria ReOcupa, como partícipes de um processo de criação em grupo, composto por artistas visuais que não necessariamente conviviam anteriormente, podemos nomear alguns desses fatores que são muito presentes no meio artístico ainda que não digam respeito essencialmente ao “fazer arte”. Um primeiro é a identificação (desnecessária, mas talvez intransponível) que se faz entre capacidade criadora e cristalização de subjetividades individualistas totalizantes. Outro fator é a pouquíssima prática de cidadania participativa que caracteriza nossa sociedade como um todo. Outro ainda é o imbricamento entre o assunto “arte” e o verniz social que ele normalmente carrega. Num ambiente de diferenças econômicas tão discrepantes como na cidade de São Paulo, é de se esperar um abismo maior entre a arte e a realidade social do seu entorno. Postas estas considerações, a existência da galeria ReOcupa é um acontecimento valioso para todos aqueles que buscam modos mais equânimes de troca entre a arte e a sociedade. (Figura 1)

Inaugurada em 2018, a galeria de arte na Ocupação 9 de Julho pode ser considerada um desdobramento da ocupação de artistas e profissionais da cultura realizada na Funarte de São Paulo em março de 2016. Esta ocupação se inseria na sequência de ocupações de sedes estaduais da Funarte após a ocupação da sede nacional, no Rio de Janeiro, o emblemático Palácio Capanema. A ocupação do Capanema se deu em resposta à extinção do Ministério da Cultura do Brasil pelo então presidente, o golpista Michel Temer. Um dos seus primeiros gestos ao assumir o mandato foi extinguir e incorporar as funções do Ministério da Cultura a uma secretaria dentro do Ministério da Educação. Naquele momento, toda uma classe profissional que, como cidadãos vinham já se horrorizando com os rumos que a política nacional tomava, viu-se atacada frontalmente. Aquele ataque era percebido como um ataque à alma do povo - sua arte e sua cultura. Apesar de todos os desvios e percalços da nossa sociedade, e talvez até por eles, o que se faz e fez em arte e cultura por aqui é grandioso demais para ser vilipendiado como foi naquele gesto. Aquela experiência potencializou, em São Paulo, o encontro colaborativo que se instalou entre um grupo de artistas autointitulado Aparentamento e o MSTC (Movimento dos Sem Teto do Centro), esse último liderado por Carmen Silva. O Movimento liderado por Carmen havia experimentado a colaboração com artistas em outros momentos, como nas ações da residência artística da ocupação no Hotel Cambridge entre janeiro de 2016 e janeiro de 2017. Naquele ano quatro artistas visuais residiram no prédio do antigo Hotel Cambridge, realizando projetos e convivendo com os demais moradores. O filme de Eliane Caffé, *Era o Hotel Cambridge*, foi um desses projetos que ajudou a colocar foco numa relação de colaboração entre arte e movimentos de luta por moradia.

Para viabilizar a permanência da ocupação pelos artistas e profissionais da cultura na Funarte de São Paulo, foi realizado um leilão de obras de arte doadas por seus autores. A organização deste leilão foi construindo a rede de artistas chamada Aparentamento. Esta rede ficou responsável pela administração dos recursos gerados no leilão. Tais recursos se destinaram à manutenção material da ocupação na Funarte, bem como para financiar outras ações de resistência e denúncia aos ataques à democracia brasileira. Uma questão que se impunha era o investimento financeiro de parte daquela quantia em ações que também pudessem ser duradoras e de intervenção direta em realidades mais locais. Desta forma surgiu o desejo em investir numa cozinha industrial na Ocupação 9 de Julho. Não muito distante da

Funarte de São Paulo, o antigo INSS na Av. 9 de Julho, revertido em prédio residencial, poderia comportar programas culturais em sua área externa e andares de uso comum. Um programa de almoços com shows, apresentações teatrais, lançamentos de livros, exposições de filmes e artes visuais fortaleceria a classe artística e, ao mesmo tempo, colaboraria com a inserção do movimento por moradia na vida da cidade por outras vias que não a da criminalização da sua luta. Desta forma começa a Cozinha da 9 de julho em 2017.

Em maio de 2018, o incêndio e decorrente desabamento do edifício Wilson Paes de Barros onde havia a Ocupação Paes de Barros, no centro de São Paulo foi a deixa para o poder público acirrar o conflito de interesses com os Movimentos por Moradia tendo a complacência da opinião pública que se sensibilizaria com a queda do edifício, ferimentos, mortes e desabrigo de seus moradores. Mesmo que aquele edifício não estivesse sob a coordenação de Movimentos Sociais reconhecidamente organizados, o fato de ser um edifício ocupado colocava todas as outras ocupações na berlinda. Tal processo fez com que os artistas em contato com o MSTC na Ocupação 9 de julho buscassem meios de colaborar na resistência dos moradores ali. Parte deste esforço foi acionar engenheiros que pudessem colaborar de forma voluntária avaliando as construções ocupadas pelo MSTC e orientando os moradores a fazer os reparos e adequações necessárias ao uso seguro dos mesmos. Este esforço conjunto tinha muita urgência. O poder público vinha emitindo Petições visando o despejo dos moradores e reintegração de posse dos imóveis. Era preciso se resguardar com todas as condições físicas do ambiente respondendo plenamente aos itens de segurança e habitabilidade previstos por lei em edifícios do porte dos ocupados pelo Movimento. Num destes contatos, o engenheiro comentou que um artista com quem ele já havia colaborado, estava tentando instalar uma obra num edifício em São Paulo, e que isso seria um gesto de desenho que se expandiria desde o edifício da Bienal. Esse artista era Nelson Felix – carioca que desenvolve sua produção pensando a respeito de territórios, mapeamentos, inscrições de gestos na paisagem. Foi recebendo a sua mostra *Esquizofrenia da forma* que a galeria ReOcupa foi inaugurada (isto era julho de 2018, dois meses depois do incêndio do Ed. Paes de Barros). Naquele momento o prédio tinha passado por uma enorme força tarefa e estava mais do que nunca pronto para se abrir ao público. O público já circulava pelo pátio externo e segundo andar (onde se instalou a cozinha) durante os almoços, show e demais atrações culturais. Mas com a abertura da galeria o público

passou a circular em dois andares de moradia, além de ter acesso ao térreo – justamente onde era a sua entrada principal quando funcionava como INSS. O lugar, aberto ao público, revelava uma vez mais o tanto que nos é subtraído, bens públicos dos quais nos são negados o uso fruto. A inauguração da mostra foi uma ocasião de grande emoção. O artista fez uma breve fala para o público, coisa rara de se ver com a naturalidade com que aconteceu. Não foi uma programação muito planejada, foi uma roda que se abriu em torno dele e de Carmen Silva, para que falassem. E falaram: Nelson sobre a satisfação do enraizamento potente que seu trabalho ganhava ali. Carmen sobre o que tinha aprendido no convívio com os artistas, sobre a necessidade do movimento social se abrir para eles, sobre o fortalecimento mútuo que essa troca propiciava. Foi muito impactante a fala dos dois juntos, cada um com sua visão, e os campos se somando, numa cena coletiva.

Nos lances de escada, o trânsito de camadas sociais que normalmente não adentrariam numa ocupação, era um acontecimento celebrativo por si. Moradores e visitantes se alegravam com o encontro, com o reconhecimento de mútuo interesse e respeito. Os moradores se sentiam orgulhosos da casa deles ser um ponto de visita da cidade, tinha um gosto por receber os visitantes. Muitas fotos e lembranças na memória da noite demonstram isso, essa alegria estampada nos sorrisos. Resta considerar que o trânsito inverso, de camadas sociais como a dos moradores nos espaços da arte continuava sendo o desafio. E na segunda mostra, houve um esforço em promover este fluxo noutra direção. A mostra se construiu a partir de artistas que tinham feito ou participado de algo dentro de alguma das ocupações do centro. Uma rede de contatos foi se estabelecendo para que artistas mais próximos naquele momento da Ocupação lembrassem de outros que haviam colaborado em algum momento; além de artistas moradores que quisessem mostrar seus trabalhos. (Figura 2)

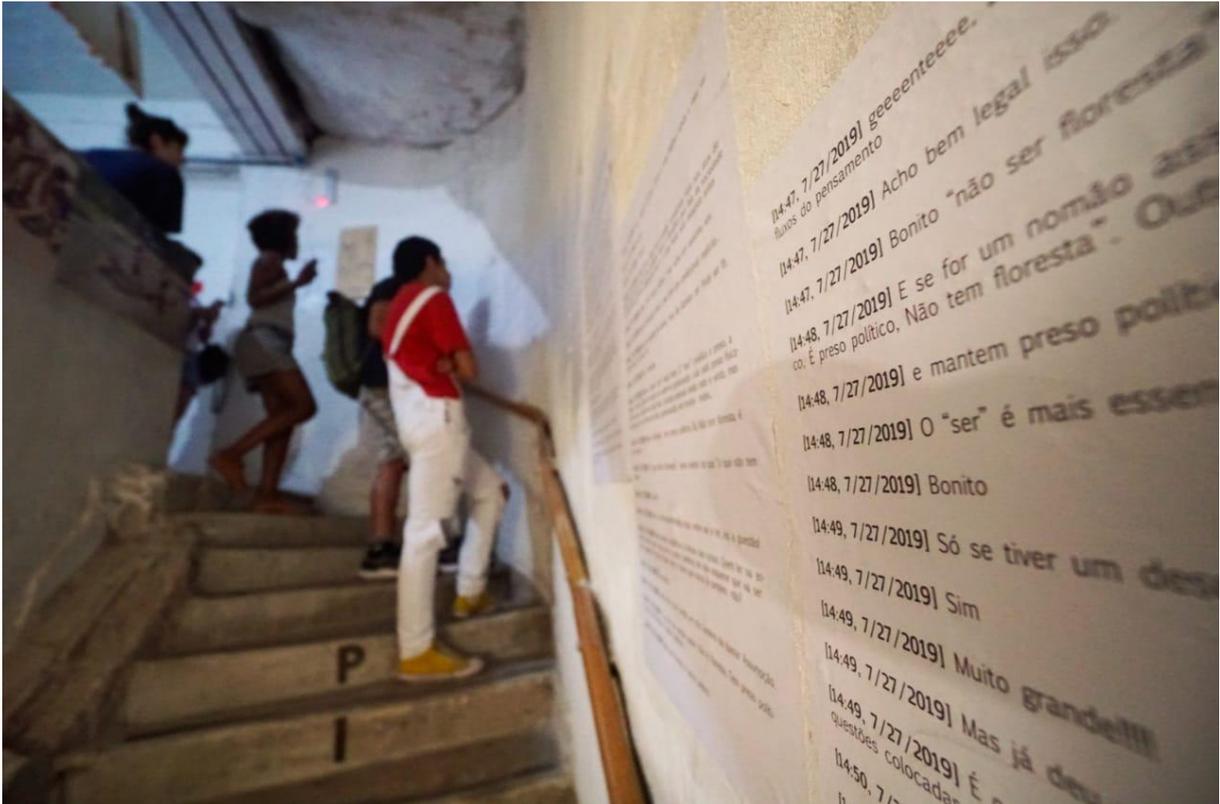


Figura 2. - Escada de acesso à galeria ReOcupa na mostra “O que não é floresta é prisão política”,2019. Fonte: Galeria ReOcupa.

O risco de sucesso nos pedidos de reintegração de posse do prédio da 9 de julho havia se atenuado, mas a perseguição às lideranças dos movimentos de luta por moradia continuava. O ex-presidente Lula continuava preso e se pressentia a expedição de mais pedidos de prisão dirigidos a lideranças de esquerda. A iniciativa de uma grande mostra coletiva na Ocupação tinha a motivação de mostrar os tentáculos de pertencimento daquela luta em mais camadas sociais além dos moradores e membros do MSTC. Discutíamos muito, tudo. O título foi resultado de conversas em roda, em noites acaloradas pelo saudoso contato entre muitos envolvidos, nas dezenas de encontros do grupo de artistas que se mobilizou para produzir a mostra. A floresta como imagem de um ecossistema que resiste e que poderia ser percebido como um espelho invertido de toda forma de aprisionamento começou a ecoar forte, se afirmando naturalmente, aos poucos. A organicidade da vida que prolifera desde muitos pontos parecia orientar o alastramento dos convites aos artistas. Formou-se uma espécie de grupo de produção executiva da mostra, com cerca de 10 artistas. Alguns mais envolvidos com a parte técnica, outros mais atentos ao processo de boas vindas a outros que viriam se juntar. Cada um destes

10 ficaria responsável por mais 5 ou 6 artistas. A tendência expansiva da mostra, em sintonia com a imagem de uma floresta, fez com que o grupo assumisse que a mostra abriria e continuaria crescendo, assumindo mais artistas a cada dois meses.

Com isso, experimentou-se a realização de uma mostra que se compôs de 4 momentos. O primeiro sendo incluído no segundo e assim sucessivamente. Ao final, a mostra "O que não é floresta é prisão política" se compunha de uma obra expandida, com mais de 200 artistas de todas as regiões do país. Uma das belezas dessa mostra foi a reunião de obras de artistas com níveis variados de inserção no mercado de arte, nomes consagrados e outros desconhecidos ocuparam o espaço da galeria e também as rampas de acesso, corredores, quadra, espaços de convívio da Ocupação. Não havia espaços privilegiados em função da "importância" do artista ou da obra, mas uma construção expográfica que comunicasse a negociação de muitos fatores para além do mundo da arte, e por isso tão refrescante para a sua prática. Para os visitantes a mostra se oferecia também como um modo menos viciado de ver obras de arte. Menos viciado também o modelo de mediação educativa que ficou a cargo de um dos moradores. O trabalho de mediação da exposição era sempre realizada em dupla, com o Felipe Figueredo (morador e ativista do MSTC) e um artista participante da mostra. Durante os seis meses de mostra o público foi recebido desta forma. Um trabalho de formação educativa que rendeu à Galeria ReOcupa o prêmio Select de arte e educação na categoria de melhor formador. A mostra recebeu uma média de 40 visitantes por dia e foi realmente um marco na agenda cultural de São Paulo nos meses em que esteve em cartaz. (Figura 3)



Figura 3. - Visita mediada em grupo na mostra “O que não é floresta é prisão política”,2019. Fonte: Galeria ReOcupa.

O fim da mostra coincidiu com o agravamento da pandemia da Covid-19, em março de 2020. Havia a previsão de um leilão de suas obras que foi interrompido com a eclosão do distanciamento. Outras ações dos artistas envolvidos na mostra e a condução do dia a dia da galeria foi reorientada para ações midiáticas nas redes. Algumas ações realizadas nas ruas e repercutidas nas redes e outras mais internas de colaboração entre os artistas e as ações do MSTC no combate aos efeitos da pandemia na população de baixa renda.

O desafio da ReOcupa atual é reencontrar sua aptidão e suas rotinas, em uma agenda de mostras e atividades porvir. A travessia desse longo tempo sem programação presencial, especialmente depois de uma mostra tão intensa como foi "O que não é floresta é prisão política", afetou a dinâmica colaborativa entre os artistas. Mas gestos como este, do convite a realizar um texto para esta revista, contando a história da galeria em uma reflexão retroativa, pode ser mais do que um estímulo importante para a sua continuidade e reinvenção. (Figuras 4 a 7)

Links relacionados

- Apresentação da galeria ReOcupa por Filipe Figueiredo - mediador da mostra "O que não é floresta é prisão política"

<https://www.youtube.com/watch?v=FFbdGETzzJM>

- "De Portas Abertas", 2019 (simulação da instalação criada para a ReOcupa) <https://vimeo.com/406330688>. Instalação (2019) do artista Lucas Bambozzi, que integrou a exposição "O que não é floresta é prisão política", na Ocupação 9 de julho. Os participantes do vídeo são todos moradores da Ocupação que gentilmente receberam o artista em seus apartamentos para a gravação, entre agosto e setembro de 2019. É um gesto simbólico que evidencia um ponto central das ações que envolvem as ocupações do MSTC a partir do modelo cultural que se estabeleceu na Ocupação 9 de julho: a permeabilidade entre os moradores e a sociedade civil e as boas vindas a uma rede de colaboração entre artistas e movimentos sociais.

- "Paredes Abertas", 2021 - videoprojeção em empenas, 5min, som, loop <https://vimeo.com/554099139>. Em 2021 o artista criou uma nova versão do trabalho para projeção em empenas cegas na região da Barra Funda, que levou a obra a novas ressignificações. O contexto, permeado pela pandemia entre 2020 e 2021, amplia a situação de permeabilidade e isolamento social que as cenas suscitam, fazendo reverberar a urgência de políticas públicas para a moradia, numa cidade que já possui mais de 40 mil moradores de rua. (Figura 8)



Figura 4. - "Patrimônio=nóis", Erica Ferrari, 2019. Faixa sobre a fachada da Ocupação 9 de julho por ocasião da mostra "O que não é floresta é prisão política". Fonte: acervo Galeria ReOcupa.



Figura 5. - Instalação da obra "Tijolo-Totem", Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, 2019 - deslocamento de um tijolo do edifício do Teatro Oficina para dentro da Galeria ReOcupa. Fonte: acervo Galeria ReOcupa.



Figura 6. - Ocupação 9 de Julho – Corredor de acesso. Fonte: acervo Galeria ReOcupa.



Figura 7. - Apresentação ao Vivo da Radio Livre CantoTorto. Fonte: acervo Galeria ReOcupa.



Figura 8. - "De Portas Abertas", desdobramento da instalação criada para a ReOcupa, Lucas Bambozzi ,2019. Fonte: acervo Galeria ReOcupa.

Sobre a artista:

Débora de Lima Bolzoni (Rio de Janeiro, 1975). É artista visual e mestre em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes – USP (2014). Desde 1998 participa de mostras de arte contemporânea dentro e fora do Brasil. Leciona Práticas Artísticas Contemporâneas na Fundação Armando Álvares Penteado desde 2018. Foi Coordenadora do Programa de Cursos Livres e Diretora da Ação Cultural e Educativa do Centro Cultural São Paulo de 2008 a 2011. Professora da rede municipal de ensino fundamental atuando na Escola de Iniciação Artística do CEU Rosa da China de 2002 a 2005. Atualmente colabora na condução da Galeria ReOcupa como membro da Rede Aparelhamento junto à Ocupação 9 de julho em São Paulo (MSTC). Foi artista residente da École Nationale Supérieure d'Art – Gallerie La Box, Bourges (2019), da Cité Internationale des Arts, Paris (2017 e 2018); URRRA Projects, Buenos Aires (2015); CC-Remisen, Brande/DK (2004); Museu de Arte da Pampulha, BH (2005); e MAMAM no Pátio, RE (2006).

Tem seu trabalho artístico representado pelas galerias Athena Contemporânea (Rio de Janeiro) e Bendana-Pinel (Paris) e Galeria Marília Razuk (São Paulo).
<http://lattes.cnpq.br/7266823440697929>

Recebido em: 18-10-2021– Aprovado em:16-02-2022

Como citar:

Bolzoni Débora L. (2022) Galeria ReOcupa - Um breve histórico. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.3, n.1, p.1-13, jan./jun. <https://doi.org/10.14393/EdA-v3-n1-2022-63624>

Esta versão está publicada em *Ahead of Print*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.